

Pão Nosso . . .

Porto, 19 d'Abril de 1910.

N.º 1

SUMMARIO:

- I — PANFLETOS E PANFLETARIOS.
- II — CENTENARIO DUM ANTI-CLERICAL.
- III — O CASO DAS ASSOCIAÇÕES SECRETAS.
- IV — PAE E FILHO OU O FILHO DE SEU PAE.

Panfletos e panfletarios

Era o meu companheiro de vagon, um senhor economicamente construido, que falava em fá sustenido. Escasso d'encontros, sumido de carnes, avaro de gestos, e rosto com mais vertices que um poligono irregular. Desconfiei que elle só tivesse ideias quadrangulares. Por mim viajava incognito como qualquer principe.

Percorriamos uma destas vias ferreas provincianas onde, ás vezes e por acaso, os comboios chegam ao seu destino. A' paragem em certa estação sertaneja, que não cheirava a tomilho nem tinha a frescura dos fenos ceifados, matracou-nos á portinhola o inevitavel vendilhão de papel impresso, oferecendo a sua mercadoria.

Trejeitos d'enfado encorrearam a face do meu companheiro. E á insistencia do vendedor de gazetas que apresentava uma nova publicação, genero panfleto, elle esboçou um movimento de repulsa, turvou-se-lhe a vista côr de figado, em sangue estragado, alçou a vidraça, assentou as poisadeiras no banco com o desalento dum vencido e quedou-se a enrolar com pausas tristes um cigarro tristonho.

Duas baforadas de fumo e o meu fidalgo arregaçou a commissura dos labios. Porque eu creio que elle devia ser fidalgo. Tinha nos barrocaes do carão pergaminhos de cigano.

«Lá vae elle — pensei — desembainhar as confidencias.»

Passou entre nós ambos um segundo d'anciedade.

Por fim, elle rompeu:— Que paiz! que terra! que abominação!...

E deixava escorrer em fio os pontos exclamativos, como tantos oradores sacam dos gorgomilos resteads d'alhos e de engrimações.

— Que abominação! Que terra! Que paiz! — repuz da minha banda, enchendo a bocca de maiusculas para enchumaçar a banalidade.

Quando elle se convenceu da concordancia de nossas almas, abriu-se desta sorte:— «O snr. vê isto?! Apenas João Chagas obteve um largo successo com as suas *Cartas politicas*, logo dos quatros cantos de Portugal soprou uma lufada de panfletarios! Como as formigas com azas que per meados d'outono desabelham ás nuvens dos buracos, tais elles foram.

«Uns garatujavam respostas impoliticis; teciam outros — epistolas a toda a gente conhecida. Este guindava-se á linguaagem empinada, aquelle escrevia em algaravia com esparavões, um terceiro em estilo com argola no nariz. O panfleto volveu-se entre nós, numa epidemia, como a higiene que é a molestia mais pegajosa deste seculo.

«Tudo se deitava á letra redonda. Rapazotes lampinhos, donas marimachos, classes neutras, classes passivas, classes sexagenarias. O snr. Coisa galreava ingresias, o snr. Outro aliviava-se de baboseiras.

«Conheci, por exemplo, no Porto, um desses inspirados. Era nm major virgem, guerreiro dos d'espingarda de cana e espada de cortiça. Arquea se lhe o ventre na empenhidão da prosa. Já teve dois partos: — uma carta aberta ao dr. Bernardino Machado, e outra ao conselheiro José d'Alpoim. São dois capitulos de pathologia veterinaria. O major apenas conseguiu ficar com o utero inservivel e a vulva arruinada.

«Somos uma raça de copistas. Imitamos, não creamos. Letras, artes, sciencias, é tudo importado. Pensamos e sentimos pela tarifa das alfandegas. Quando não podemos copiar o estrangeiro, plagiemo-nos uns aos outros. Um naturalista meu amigo que gastou trinta annos puxados nos sertões d'Angola, estudando desde a raiz a vida politica e social dos macacos, confiou me que lograra perceber-lhes a lingua. E os monos, ao discutirem as origens da sua especie, tinham longes das teorias darwinistas. Somente se envergonhavam pudicamente de descenderem do homem.»

O comboio chegára. Perdia-se na paz dos campos o badalejar duma sineta. Ergueu-se o meu fidalgo, despediu-se, atraves-

sou as saletas da estaçõesinha, e duma revolta da estrada, num coalho de sol, poeira e moscardos, atirou-me o derradeiro adeus indifferente de pessoas que não mais se encontrarão.

*
* *

Mas... ha sempre um *mas*.

No intimo do que o desconhecido companheiro afirmou, la-tejam retalhos de verdade. Aliaz, na vida como na sciencia, o homem só procede por semi-erros. Que a onda da imitação e do mercantilismo invadiu o genero do panfleto,—facto esse é que não se nega. Não entrará, porém, no lance, alguma necessidade ocasional?

Em todos os periodos modernos de transformação politica, religiosa ou social, em todos os momentos agudos de paixões publicas, panfletos e panfletarios sobem de roldão á scena. São como golpe de gentes amotinadas, a espuma da revolta, pejando ruas, varrendo praças, apinhoando-se por betesgas e congostas.

Todo o periodo que caminha da revolução de 1820 ao triunfo dos constitucionaes, inçado está de folhetaria. Desses tempos agitados nos restam arrobas d'opusculos. Ha-os altos na fôrma e no pensamento, ha-os ingenuos, ha-os duma banalidade espalmada e chôcha, especifica dos asnos vitalicios.

Nalguns, atravez das paginas meladas do tempo e picadas da traça, baloiçam-se ainda cabeças de vibora. São odio, veneno, sangue e miseria. Noutros um saber austero martela os argumentos, com a dura constancia de quem defende um direito sagrado. E em não pequeno numero, qualquer gravidoso imbecil nos ameaça convencer de que a imbecilidade é a mais nobre das virtudes. De milhares de folhas, tão só escassa centena escapa, pelo seu valor intrinseco, ao ranço das coisas anacronicas.

Que importa que hoje as razões lá exaradas nos semelhem peccadoras cincoentonas, com o musgo da velhice rompendo a codea do caio! Na sua epoca ellas, as razões e não as peccadoras, foram uteis, foram necessarias, foram forças em movimento.

Assim aconteceu nos annos d'oprobrio da ditadura dos Cabraes e na preparação do movimento insurrecional de 1846-47. O mesmo succede quando um problema social embate convicções assentes, como se deu a proposito do casamento civil, polemica celebre na nossa terra, e que produziu obra de 32 opusculos, parte assinados por nomes de vulto e prestigio nas letras, na jurisprudencia, na politica, e parte por illustres desconhecidos que nem o nome estirado a caracteres azeitonaes na capa das coletaneas, salva do anonimato.

E se vale citar a França, num paiz como o nosso em que, a despropósito de caganifancias, o que os francêses fazem, serve

de bordão e exemplario, basta atentarmos nos periodos da grande Revolução, das jornadas de julho, da republica de 48, da queda do segundo Imperio, para pasmarmos do exuberante enxame de panfletos que brotam do solo e sub-solo politicos.

Quando as instituições seculares se sentem abaladas, o homem é impellido a apressar o seu desmoronamento, ou correr com esteios a escorar as paredes que arregoam em fendas. Então o homem não pode pensar para si só. Pensa alto, para recolher solidarios, para sacudir energias, ou para se tornar chefe de fila. Mas se uns pensam por terem ideias, outros que só uma vez na vida basculharam no cerebro umas varreduras, insistem nellas como para nos forçarem ao registo do fenomeno bisarro de os havermos visto pensar.

Que responderia a esta arenga o meu desconhecido morgado? Parecia-me excessivamente altivo para me contradizer. Estou a vêr-lhe um gesto de polidez chã, e lá para dentro resmungar:

— Bem sei. E's mais um...

Centenario dum anti-clerical

A safra dos centenarios. — Nunalvares, Camões, Bocage, o Infante D. Henrique, Garret, Vasco da Gama e outros grandes desconhecidos. — Estatuas e missas. — A significação social das manifestações a Herculano. — Dois adversarios dos jesuitas: Candido de Pinho e Antero d'Araujo.

A retorica peninsular que jamais desperdiça ocasiões de espanejar os arreios á soalheira, veste agora todas as andainas domingueiras. Pretexto: — O centenario de Alexandre Herculano.

Notavel ruido e successo causaram os dois centenarios — de Camões, e do marquês de Pombal. Desde essa data, pensadores enxundiosos, que teem por officio ourinar conceitos, teimam que essas manifestações foram causa duma revivescencia nacional. E que a alma do povo subiu tres furos em altura de sentimentos. Quando taes conceitos não desabam ao tombar da folha, taes pensadores é que caem de maduros.

O povo sabe lá, ou soube acaso, quem eram o Marquez de Pombal, e o poeta Camões? O povo porventura conhece as grandes figuras da sua historia?

Perguntem, atravez de vales e serras, aldeias e vilas, pelo

condestavel Nunalvares. Colheriam peores respostas que as do sorvadissimo sr. Pequito na questão Hinton. Comtudo Nunalvares foi uma das raras individualidades que, apoz a sua morte, creou um culto no nosso paiz. As imagens d'elle, até á epoca do dominio castelhano, ornavam as casas, e descansavam nos altares, lado a lado aos santos de mais devoção.

A' portaria do convento em que elle morreu, iam rodas de pobresinhos cantar em côro por aquelle que lhes dava

sua sôpa
Mai-la a sua rôpa
Mai-lo o seu dinheiro.

Os nomes unicos que por ahi boiam na tradição oral popular, são os de Camões e Bocage. Mas *camões* é um adjetivo, porque para o vulgo significa que o individuo a que se referem, gasta um ôlho a menos. Chamam-lhe Camões, como lhe poderiam chamar *corcunda*, se o homem trouxesse uma giba nas costas.

Quanto ao Bocage, outro é o caso. Servem-se-lhe do nome para lá depositarem toda a soma de anedotas de bordel e de estrumeira, obscenas e fedorentas, tradições canonicas dum paiz em que os fradalhões de todas as castas davam rebate de nade-gas a todas as esquinas.

Sobre os centenarios camoneano e pombalino occorreu o do Infante D. Henrique. Depois, veio o delirio. Saíamos a centena por mez! Era o da descoberta das Indias, o de Santo Antonio, o do Padre Antonio Vieira, o de Almeida Garret. Tentaram os coimbrões curar a doença pespegando-lhe o caustico do *centenario da sebenta*. Empresa balda!

Houvemos de tragar o do frade José Agostinho de Macedo, o das guerras peninsulares, e eis-nos a voltas com o de Alexandre Herculano.

Que colheita se fez de tudo isso?

Do centenario do Infante resta, além, na praça da Bolça, aquelle monumento! A' garupa dum pedestal que é um desastre, uma estatua que é uma desgraça. Só se lhe aproveitarem o famoso braço para poste d'afixar annuncios.

Corridos alguns annos, verifica-se, por trabalhos de investigação, que ao Infante se attribuiria falsamente uma acção historica que elle nunca tivera. Representou um papel subalterno; a celebre Escola de Sagres nunca existiu, e apenas se apura de colossal na sua vida, que elle foi o creador do monstruoso trafico da escravidão nos tempos modernos, resultando um futricante odioso de cabeças d'alcatrão.

Como vivemos no torrão em que o inverosimil é nosso comer quotidiano, do centenario das Indias ficaram-nos... dois esqueletos de Vasco da Gama. Ambos autenticos, ambos do mesmo almirante, ambos levados ao Panteon com identicas honras da ordenança. Comprehende-se perfeitamente que tamanho nave-

gador possuisse dois esqueletos. Um antes de nascer, e outro... depois de morto.

Do de Santo Antonio... que Deus perdõe á alma do conde de Burnay as judiarias que fez ao grande teologo.

A commemoração garreteana remexeu os miudos da tribu dos intelektuaes portuenses. Discutiu-se até á tripa mais intima, se o nome de Garret se pronunciava com ou sem *t* final, e aberta permanece a contenda. Traquinaram-se festas, rasgaram-se subscrições, organisaram se kermesses, com fim de se arrebanharem dinheiros para construir um monumento. Até hoje!

Na cidade do Porto ainda não encaixaram quantia que chegasse. Em compensação, no jardim publico da Cordoaria, ergue-se a memoria ao falecido Marques Loureiro, que utilisou a a vida sendo honrado e barbudo negociante de plantas e hortaliças.

O monumento vale os meritos do memorado. Assenta num forno de porta entupida pela placa com a effigie do respeitavel desta praça. Por cima, o autor da obra empinou-lhe a Joana d'Arc na fogueira, e chama-lhe Flora. O vereador do pelouro dos jardins devia remover o traste para um quintal de couve repolhuda.

Já o centenario d'Herculano nos trouxe surpresas. No templo dos Jeronimos, o padre Lourenço de Matos, clerigo que arrebatou os carros na imprensa por conta da reacção e do jesuitismo, resou missa por alma d'Alexandre Herculano que, segundo a doutrina do sacerdote oficiante, deve estar a arder, pelos seculos dos seculos sem fim, nas labaredas infernaes.

Porque Herculano professava as doutrinas da seita dos *velhos catholicos*, porque recusava os dogmas definidos no seculo passado, porque negava a supremacia do Pontifice, porque tem livros no indice expurgatorio, porque morreu austeramente impenitente, sem se reconciliar com a Igreja, está fóra da comunhão catolica, apostolica, romana. Dez ou cem vezes hereje, nos tempos da Inquisição teria ido á fogueira.

E' verdade que, para dar á missa negra tom liberal e côr de rosa... mística, assistiu o grão-mestre da maçonaria portugêsa! Não creio porém, que Herculano vivo fosse capaz d'ouvir missa de *requiem* por alma dum grão mestre maçónico.

*

* *

Nesse caso, perguntarão, sou contra todos os centenarios? Devagar.

Se as comemorações não passam duma pirotecnia de discursos, se não transpõem os limites da pragmatica oficial ou officiosa, se as entrapam nos cenaculos dos iniciados, não merecem mais que a atenção prestada á passagem annual da procissão

dos Passos. Parecem-se com uma ração de favas, servida aos grandes mortos, por empreiteiros d'enterros espalhafatosos.

Para que um centenario sirva d'alguma coisa, e não apenas de florilegio retorico e esteril teatralisação, é preciso que elle seja mais que um epitafio posto pela posteridade sobre um tumulo, é preciso que *tenha significação social*.

Para as multidões que vão engrossar os cortejos projetados, para as representações populares que nas cidades concorrem aos numeros do programa festivo, Alexandre Herculano historiador, poeta, romancista, jurista, economista, e politico, é e ficará desconhecido. Seus volumes d'altissimo valor permanecerão sómente entre o acanhado numero dos que em Portugal lêem, estudam, e meditam.

Mas essa mó de gentes sabem que Herculano foi, ha mais de meio século, a voz mais sonora, trovejante e colerica, que estrondeou contra a reacção. Aos largos ventos da historia rojou profecias e apostrofes, abalando consciencias, prolongando até nós a agitação que nas almas provocou tempestades.

Os tempos peoraram. A *taboa-negra* que então oscilava aos empuxões dos liberaes, hoje serve de plataforma ao absolutismo constitucional. O cartismo mitigado e ecletico em que Herculano confiava como politico, jaz na alcôfa das velharias.

Claramente que o problema clerical se nos não oferece nesta hora, como elle se propoz á poderosa intelligencia de Herculano. E' que a questão politica não se achava ainda tão enrançada, tão consubstanciada á questão religiosa. As ousadias d'Herculano são, ao presente, mortijas. Mudaram os dados do problema, diversa ha-de ser a solução.

Atemos, porém, o fio do discurso pois não se destina este numero a versar o assunto — clericalismo.

O alcance e significação social do centenario d'Herculano resalta, consequentemente, em toda a sua nitidez, observando a intenção com que as classes operarias dos grandes centros, as forças populares, entram nas manifestações, e os sentimentos que as agitam.

Marcham em batalhões macissos contra a Reacção.

Marchem afoitas que a luta final se avizinha!

*
*
*

No prestito que domingo proximo atulhará as ruas do Porto, o lugar d'honra por certo é consagrado, á nossa Excelentissima Camara Municipal, que unanimemente concordou partilhar da comemoração civica. Dois varões senatoriaes requerem, neste episodio, a nossa atenção: o sr. dr. Candido de Pinho, frontão eburneo do municipio, e o sr. Antero d'Araujo, artista de canto, e orador poetico que faz versos sem querer, por defeito de nascença.

Indubitavelmente, a vereação portuense chispa, das costuras, fagulhas de liberalismo. Não obstante, toda ella, com excepção de dois republicanos, os srs. drs. Duarte Leite e Germano Martins, votaram subsidios a congregações clericas.

O sr. dr. Candido de Pinho, ex-republicano, ex-positivista, ex-livre pensador, é na actualidade nacionalista em politica, afogado no beaterio. *Snob* da especie fardamental, perde a sua alminha pelo protocolo decorativo, pelos lausperenes ao profano, pelas pompas empertigadas e ôcas onde conselheiros de grande gala pisem os calos dos barões. Dá ares de andar constantemente empalhado na propria importancia, e solene «como um papa bebendo canja com um garfo.»

Tem a coragem das suas atitudes. Foi elle o unico presidente de municipio, que se atreveu a ir saudar o rei D. Carlos, quando este segurando João Franco pelos sovacos, atravessou o reino em direitura ás Pedras Salgadas, entre os odios e a repulsa do paiz inteiro. Foi elle o redator da mensagem tolamente subserviente, lida a D. Manuel na primeira visita a esta cidade, saudação em que a paspalhice da fórmula era excedida pela nulidade da sustancia.

O sr. Candido de Pinho irá no cortejo d'Herculano, o adversario irreductivel da *mariolatria*, — e para se desenodoar do pecado subirá em peregrinação de desagravo ao Monte da Virgem, mastigando o bemdito, esburgando as contas do rosario, depois de confessado, comungado, crismado e ungido. Não será elle que repita a frase do Aretino depois da extrema unção:— «Agora que estou untado, livrem-me dos ratos!»

De par leva no sequito o sr. Antero d'Araujo, que na luta anti-congreganista, batalhada sobre o *caso Calmon*, serviu de cabeça pensante aos liberaes da Invicta, liberaes de tomo e haveres, comerciantes, industriaes, banqueiros, e mais grandes das classes quantiosas. Em casa do sr. Antero, conhecida por «Vaticano do Bolhão» reuniam os cardeaes. Cada conclave rematava pelo exterminio da fradaria. O sr. Antero, como se attribuiu a Eugenio Sue, constantemente trazia um jesuita ás cavaleiras no nariz.

Ensaiaava ao espelho as cuecas usadas de Joaquim Antonio d'Aguiar, o *mata-frades*, e bons dinheiros estragou em lamparinas acêsas no altar da Liberdade, Nossa Senhora de manto vermelho.

Os frades ficaram, e as congregações extenderam-se. O sr. Antero, de dia em dia mais inteligente, apagou as candeias deante do nicho da Liberdade, reentrando nas filas reacionarias, a que sempre pertencera.

Ha mezes, a clericalha de batina e sobrecasaca produziu sua manifestação em honra do conde de Samodães, tropego irresponsavel que salivou as fézes postumas do seu espirito sobre as senhoras que em Lisbôa se encorporaram na grandiosa manifes-

tação anti-jesuitica. O sr. Antero lá estava, na imponencia do seu não-valor mental, politico e social, entre os reacionarios manifestantes. O sr. Antero lá trastejou com o tinteiro e pena d'ouro, que os coios e sacristias tributaram ao senil caquetico.

Ora os srs. Candido de Pinho e Antero d'Araujo, entrando no centenario de Herculano, ou não sabem o que é corar, ou a si mesmos se insultam. Talvez durante o prestito, um para o outro sopeteiem o dito do soldadão Gallifet: — «Tudo acontece. Caso é ter bom estomago.»

O caso das associações secretas

Como se derrubam regimens. — Sebastianismo e misticismo revolucionario. — A democracia. — Responsabilidade das associações secretas. — O ceremonial das reuniões.

A mais dum conservador, daquelles que impam sentenças, a mais dum tenho escutado profecias sinistras acerca das associações secretas de Lisboa. Empapam as belfas proferindo as obstinadas sandices que por ahi andam a monte, como: «A cauda lamacenta da demagogia» — «a parte sanguinaria do partido republicano» — e outras da competencia do mesmo tonel.

Na opinião dos conspicuos, o partido republicano tem uma parte sã: — é a dos que não conspiram; e outra gangrenada, viciosa, reçumando sangoeira: — a dos conspiradores.

Talhada esta divisão com a chibante autoridade que usam esses talentos brutos, sem mão d'obra, desfecham impavidos a dar-nos conselhos. Porque nós estamos no tempo curioso em que os nossos inimigos limam o engenho a aconselhar-nos... para nosso bem.

Por isso elles nos indicam: «A parte sã devia amputar a parte apodrecida.» Em suma: — nem piscas de solidariedade com os *criminosos* que o juizo d'instrução põe a tratos. Purificado assim o partido republicano, elles nos avençam um futuro de glorias, lá para o anno 3.000, em que uma opposição parlamentar que só tivesse vaselina no programa, expulsaria ao som do hino da carta, o ultimo herdeiro da dinastia de Bragança, no minuto preciso em que o ultimo liberal fosse enforcado nas tripas do ultimo republicano.

Paralelamente, a muitos dos nossos escuto a frase: — *Quando a Republica viér* ..

Não, correligionarios. Não, adversarios. A Republica não vem por seu pé. A Republica nunca vem, se nós, republicanos, a não trouxermos. Isto é : para termos a Republica, é necessario que nós a façamos.

Como se derrubam regimens? Conspirando e batendo-se. Para que os monarchicos destruisssem o regimen miguelista e implantassem o constitucionalismo, conspiraram e bateram-se desde 1823 até 1834. Para alijar o cabralismo, conspiraram e bateram-se desde 1842 até 1851. Todo o espaço da nossa historia contemporanea, que caminha da revolução vintista á Regeneração, é uma sequencia de conspirações paisanas, conjuras militares, tramas secretos da còrte e lutas civis.

Os movimentos revolucionarios hodiernos, republica brasileira, introdução do regimen parlamentar, puro ou sofismado, na Turquia, Persia e Russia, todos elles foram organisados por conspirações, e em todos elles as associações secretas serviram de motor principal.

Conspirar é um crime para o opressor; uma virtude, um heroismo tantas vezes, para o oprimido. Na conspiração, como ao tempo do delirio franquista, joga-se a propria vida, que é bem mais que jogar de vocabulos em S. Bento, com voz de peito de rôfa. A vida sempre é um habito que custa a perder, porque foi o primeiro que a gente tomou ao arribar a este mundo.

Na nossa patria, que é o paiz do imprevisto, descabream se as mais exoticas doutrinas acerca da Revolução. Ora se ouve falar della, como se fosse objecto de importar da estranja, bem empacotada, amantilhada para se não marear da humidade, e desembarcando ao abrir da manhã, nas alfandegas da fronteira. E o bando sebastianista, de entranhas afistuladas de patriotismo, cuspiria os bofes no percurso de puro cantar a marselhêsa.

Para outros, a Revolução é a modos duma deusa, baixando das alturas celestiaes, com môlhos d'anjinhos de trazeiros polpudos, e serafins insexuados pespontando antifonas nas cordas das banzas. Um colossal incendio de luz franjaria esta apoteose de magica, transcrita e adaptada á candura das donzelinhas casadoiras.

Ao contrario das duas concepções pacifistas, os monarchicos portuguezes descobriram, ao cabo dum seculo, que a Revolução francêsa custou muitas vidas, e fez jorrar muito sangue. O que é a perspicacia! Foi preciso que cem annos dobassem sobre o acontecimento, para que o ôlho historico dos nossos conservadores descortinasse o facto de todos ignorado. Nunca lhes bruxuleara na mente a ideia de que todo o progresso humano é feito de sacrificios. Nunca fantasiaram que as grandes transformações sociaes, desde que o homem é homem, se alicerçaram sobre a carne das vitimas.

Ora a democracia lisboeta, desdenhou as duas indicadas

concepções da Revolução: a sebastianista e a mística. Encarou a revolução como obra a realisar dentro das forças nacionaes, e deitou-se ao trabalho.

O aparecimento da democracia de Lisboa na vida publica, foi o factor que veio perturbar fundamente o curso dos acontecimentos, como sempre que um novo factor social entra em jôgo. Os dirigentes republicanos acharam-se colhidos de surpresa. Os monarchicos desorientaram-se, e de queda em queda mergulharam no terror.

Conhecia-se a democracia pelas leituras, e pelas frases de garbo e pompa dos comícios. Porém a democracia em acção, pela primeira vez surgia em Portugal.

Falava-se, é certo, das historicas revoltas populares. Já se haviam presenciado as multidões caceteiras e desemboladas do miguelismo, uivando louvores ao seu *lindo Infante*, despedindo mocadas e golfões de mau vinho.

Não podia ser democracia:— era a escumalha demagogica.

Relembrava-se a insurreição dos povos minhotos com a sua heroína, lendaria ou autentica, a Maria da Fonte. Mas esses bandos fanaticos, tangidos pelo padre Casimiro, defensor das cinco chagas, pelo conego Montalverne, pelo padre José da Lage e caterva de clérigos brigões, mais a geito com a fecharia das clavinas que com o bento hissope, não eram democracias:— eram rebanhos ruraes.

Trazia-se para a discussão o alçamento do Porto em 1847 contra o duque da Terceira. Mas as gentes tripeiras d'então, altanadas e revôltas, não eram democracia:— eram subditos apaixonados de José Passos, dono do Porto.

A entrada em scena do cidadão, do *animal politico*, data do franquismo.

Ora a democracia é a soberania dos cidadãos exprimindo-se pelo voto individual, a lei das maiorias, a representação e deliberação das assembleias. Acham imperfeita a definição e mau tal regimen? Pois corrijam a primeira a seu talante, e inventem outro melhor. A' hora presente a democracia invadiu todo o mundo civilisado.

Mas por isso mesmo que a democracia tem o numero e a egualdade de direitos por base, era logico que as aptidões e capacidades individuaes se egualisassem para a acção publica. Tal caso, porém, é impossivel. Os homens nascem (ou formam se na sociedade) com aptidões e capacidades deseguaes.

Por consequente, escreve um dos analistas do problema. «a lei do mundo democratico completa-se por uma fatal e inevitavel apreciação do merito, que influe, ou antes corrige e dirige a brutalidade do numero.»

Assim os dirigentes duma democracia terão, como os mais humildes, os mesmos direitos, mas mais deveres. Não podem

gozar de privilegios, porque então constituiriam uma casta, e a casta é a negação do principio democratico.

Na vida democratica duma nação inteira, ou duma cidade, os movimentos das massas não se podem tão só imputar aos dirigentes. Umavez as correntes d'influencia vêem dos pensadores e homens publicos até ao povo, outras nascem neste e arrastam aquelles.

Tal succedeu em varios episodios da ditadura franquista em que os impulsos subiram das organizações populares, com um impeto e energia, que na sua esteira levaram o partido republicano em pêso. Tal succede com as associações secretas de Lisboa, em que a democracia segue, de perto ou longe, as tradições das vendas carbonarias da *joven Italia*, essa geração de heroes e martires que se sacrificou pela unificação da sua patria, e que deu á sua terra gigantes como Mazzini e Garibaldi.

Certo que a democracia de Lisboa não obedeceu, agrupando-se secretamente, a plano algum que um congresso, um directorio, ou os chamados chefes, lhe fossem levar. Porém aos dirigentes cabe, no lance, a responsabilidade moral.

Vejamos:

Da tribuna da imprensa e da tribuna dos comicios, oradores, publicistas, pensadores e propagandistas, ha annos vêem prégando a necessidade da revolução e dum movimento revolucionario. O que elles dizem é sincero, alias não passariamos, nós todos, de negociantes de saliva.

Mais: Guerra Junqueiro, com o prestigio do seu genio, numa *interview* notabilissima, afirmou que a Republica seria um facto dentro em dois annos. Bernardino Machado que ninguem acoimará de irreflexão, proferiu identico asserto, apenas com ampliação da data.

Nos seus panfletos d'estremado destaque, João Chagas já houve de pedir espera, pois decorrerá o praso por elle marcado para a proclamação do regimen republicano.

No grande comicio do Campo 24 d'Agosto, realisado por ocasião da primeira vinda do rei ao Porto, Brito Camacho reclamou que fizessemos a Republica depressa, para salvaguarda da honra nacional. Antonio José d'Almeida é o apostolo da insurreição. Afonso Costa prégou com o exemplo, conspirando febrilmente pela Republica, no auge da tirania franquista. Perdoem-me sustar aqui a enumeração para não haver de citar dezenas e dezenas mais.

O povo de Lisbôa ouviu e acreditou.

Anda agora na bôca de muita gente o aforismo de que as revoluções não se improvisam. Se esta descoberta raia pelo sublime, ajunto-lhe de minha lavra, outra que transcende o infinito, e é — que tambem se não improvisam os movimentos revolucionarios; mistér seja prepará-los, e ao periodo e trabalhos preparatorios se chama — conspiração.

Só Pompeu, o Grande, grandeza de terceira classe, se orgulhava de fazer surdir as legiões do pó com bater o pé no chão. Pois bateu, bateu até desferrar os borzeguins, e as legiões não brotaram da poeira. A democracia de Lisboa não confiava nos improvisos á Pompeu. Tratou de se organizar, como pôde e soube, para no momento em que os seus dirigentes a requeressem, estar apta a responder á chamada com forças disciplinadas.

Pondo agora de lado a parte de exagero, de pressão, de trapaça e odio, que o juizo d'instrução verte sobre aquelles que está perseguindo, ha uma consequencia que é preciso afirmar bem claramente: Ou o partido republicano se *solidarisa eficazmente* com as vitimas do juizo d'instrução, ou, abandonando-as, corre o perigo de cavar uma profunda separação entre os chefes e a democracia de Lisboa.

Se a monarchia conseguir este fim, os homens de mais prestigio dentro do partido, ver-se-hão, a breve trecho, sem prestigio, sem influencia, e sem soldados. Serão generaes reformados. A sua voz, os seus escritos, perder-se-hão na indiferença e, clausurados nos seus gabinetes, gastarão os lazeres attribuindo ao povo aquillo que a si proprios deviam attribuir.

Nas gazetas reaccionarias, a proposito das associações secretas, estampam-se gracejos polvilhados com o sal da Igreja, acêrca do cerimonial que as referidas sociedades empregavam nas suas reuniões. Ignoro, se o ritual que as folhas do regimen descrevem, é exacto. Que nesses periodicos, as fantasias e as mentiras travam-se em *match* de velocidade!

Concedamos que nas iniciações dos socios se empregassem mascaras e punhaes inofensivos, juramentos e opas negras. E' ridiculo e grotesco! — elles dizem.

Perdão. Todos os nossos cerimoniaes se acham salpicados de grotesco e ridiculo. A elegancia do seculo passado, quando a vemos nas gravuras dos tratados de indumentaria, resulta risivel.

Porque é que a toga, balandrau sem talhe nem arte, ha-de ser magestosa quando ensacada num juiz, e feiarrona fatiota numa assembleia secreta? Por mim já sei o custo de não venerar o porte grandioso dum togado. Um dia caí em rir-me da soberbia augusta do juiz Pinto Lambaça, e o tribunal castigou-me o ousio. Por contrapêso, Lambaça deitou se á letra de molde e quasi que me chamou colega!

Qual das tres usanças morará paredes meias com o ridiculo: Invocar Deus com a cabeça descoberta num templo cristão, adorá-lo com o chapéu na cabeça numa sinagoga, ou descalçar as botas á entrada duma mesquita mahometana?

Ha herejes que se riem do estoque do condestavel, e que não atingem o simbolismo das penas de galo no capacete dos officiaes do estado maior. E quantas conversões se não contam de gentes que assistem á passagem imponente de S. Jorge, escoltado por esquadrões de cavalaria, e seguro no selim por forma

que invejaria o dadivoso bispo de Beja, santo martir voluntario, que tanto se penitencia na propria carne?

Acaso fazem arder em devoção, os fraldelins episcopaes e o chapeirão de borlas verde e oiro, a par da sotaina vermelha dos meninos do coro, ou a conhecida sebentice do conde de Samodães, que devia andar de bem com a agua por trazer uma consciencia tão limpa como a roupa?

Se amanhã triunfasse um movimento revolucionario, esses que agora escarnecem dos balandraus, relatariam comovidos as origens e ritual das associações secretas. Chorariam pelas entre-telas ao narrar os episodios, perigos, audacias, e sacrificios dos conspiradores.

Qual foi o jornal que nos primeiros mezes que passaram sobre a conspiração de 28 de janeiro, e sobre o regicidio, teve palavras de desdem, ou sorrisos de maligna intenção, a respeito dos homens que tomaram parte nos sucessos da noite de 28? Nenhum.

Concluam, portanto, visto a tarefa ser facil.

Pae e filho ou o filho de seu pae

Veiga Beirão e Caetano Beirão.

Francisco Antonio da Veiga Beirão, jurisconsulto illustre e politico profissional, presidente do conselho de ministros, filho de Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, medico illustre e politico profissional, é um caso de hereditariedade morbida, de dupla personalidade. Estranha parecerá a classificação aos especialistas. Exponhamos os factos.

No arcaboiço do sr. Francisco Beirão coexistem dois *eus*, diferentes e contraditorios, que se alternam em periodos irregulares, como nos casos de loucura circular. São o *eu* liberal, legalista, jacobino temperado em agua de malvas, e o *eu* conservador, mandão intratavel, absolutista puxando ao arrocho. Duas fatalidades pathologicas, provenientes duma herança psiquica doentia.

Quando a primeira modalidade predomina, o snr. Beirão dá-se por um setembrista das velhas eras, pronto a seguir d'escopeta em punho contra o palacio real. Se á segunda personalidade toca a vez, o snr. Beirão arma em miguelista, estoira os *malhados* no juizo d'instrução criminal, assôa-se ás leis, e alivia se sobre as liberdades publicas, individuaes, e parlamentares.

Entre 1894-96, no snr. Beirão dominava a primeira per-

sonalidade. Foi o periodo de lenço encarnado no gargalo, da patiscada da *coligação liberal*, dos juramentos na camara de não acatar leis iniquas e violentas, e dos comicios tu cá tu lá com a republica. Ir ás eleições, na opinião do snr. jacobino Beirão, era uma burla. O sufragio como a 1.^a ditadura Hintze-Franco impunha, não merecia o sacrificio dum pêlo da calva dignidade civica.

Beirão fulminava raios de eloquencia; Beirão era a honra do partido progressista!

Em 97 sobem os progressistas com Beirão ao poder, e até 1900 a segunda personalidade de Beirão occupa-lhe totalmente o campo da consciencia. Perseguiu-se desaforadamente a imprensa, Beirão desfechou a ignominia da lei de 7 de julho de 98, e como membro do governo sancionou todas as desvergonhas e crimes do gabinete José Luciano, comendo do mesmo prato, bebendo do mesmo copo, chafurdando no mesmo chiqueiro.

Cahido o ministerio progressista e posto na burra da governação publica Hintze Ribeiro, Beirão some-se. Viaja na Escossia, e doutora-se em Aberdeen. Por fins de 1903, subitamente, Beirão que recobrára a sua personalidade n.º 4, rompe na tribuna dos pares. Estavam na moda os salvadores e os programas.

Beirão aclama as santissimas liberdades, vae até ao livre-cambismo com grande espanto da industria que vive da protecção e requer austera guarda dos dinheiros publicos que o governo a que elle pertenceu, jogara ás rebatinhas.

Nos annos subseqüentes d'instabilidade ministerial até á ditadura franquista, Beirão oscila, com alterações mais frequentes, ora cabralista ora pomada. Os dois *eus* batem-se a murro.

Hoje vêem-no! O caso Hinton, o juizo d'instrução, querelas nas gazetas, violencias contra os municipios republicanos, maiorias chancela, e liberdades de vivermos oprimidos, sem direitos, sem pão, sem honra, e sem instrução.

Do filho subamos ao pae.

Caetano Maria da Silva Veiga Beirão, medico de letras nada vulgares, seguindo as tradições absolutistas da familia, miguealista descabelado se declara e a D. Miguel se apega, desde a *abrilada* até ao fecho de Evora Monte, amando o encantador moço-rei que enforcava os *pedreiros livres*, e abarrotava as prisões.

Quando D. Miguel, o principe *lindo diamante*, seguia para o exilio, Beirão pae salteia-o no caminho, lavado em pranto, para lhe beijar as mãos. E ahí começam os juramentos, taes os do filho em 1894, de jamais reconhecer as leis de violencia e iniquidade que o constitucionalismo carregara nos alforges excomungados.

Seguidamente, assim como o filho nos comicios da abstenção eleitoral, elle brada que o voto dos homens puros, não desceria a conspurcar-se nas burlas do sufragio.

Corriam os annos, e o exilado estanceava por Italia ás sôpas do pontifice Gregorio XVI, ou albergado pelos Mencacci, sem esperanças de regresso. Dia a dia os miguelistas viam os constitucionaes partir fatias largas do bôlo nacional, e os legitimistas agitavam lentamente com uma colher d'estanho o caldo espartano da abstenção. Dona Constituição medrava como bécora á cêva, a *pedreirada* desforrava se das lazeiras curtidas.

Caetano Beirão, como o filho depois de prégar o abstencionismo, ponderou a sós, que abstinencia é fome, e que abster-se dentro do paiz, é o mesmo que andar proscrito em sólo alheio.

O *eu* miguelista do pae, sofre os primeiros abalos da metamorfose. E com a furia dos neofitos que entrevêem o luminar da verdade, péga em grita affitiva que o dever de todo o miguelista austero é acudir ás eleições. Adeus juramentos, adeus promessas! Tal qual seu filho.

A attitude de Caetano Beirão irritou o seu partido. Uma assembleia dos dirigentes convida-o a comparecer. Beirão, o absolutista, o ferrenho tradicionalista, sustenta a liberdade do suffragio. Azeda-se a discussão, afogueiam-se os animos, vocabulos de má-nota soltam-se ás upas e recuadas. Beirão pae ouve-as crúas e rijas.

Num impeto, o *eu* liberal do pae occupa-lhe definitivamente a personalidade. Caetano Beirão reconhece o constitucionalismo, reconhece a honradez dos que apodara de ladrões, a santidade das vitimas que os seus correligionarios torturaram e assassina-ram, e abeira se da terrina do poder.

Fazem-no deputado, e encabrestam-no com a comenda de Cristo. Era justo. Algo lhe custara levar a cruz ao calvario.

Eis os factos. Aos psicologos e psiquiatras compete criticá-los. Nós os leigos apenas sabemos que todas as formas da actividade mental são transmissiveis: instintos, memoria, habitos, imaginação, aptidões para determinados generos de cultura, sentimentos, paixões, qualidades de carater. A transmissão de anomalias pathologicas, isto é a hereditariedade psicologica morbida é igualmente um facto.

De maneira que o snr. Veiga Beirão mais suas taras ancestraes, em vez de andar irritando os nervos da nação com as suas contradicções, deveria antes empregar os momentos vagos, em bater á porta dos especialistas. É talvez que elles, actuando sobre o seu estado somaticô pelos processos fisicos do *transfert* (como o ferro macio, magnete, electricidade) obtivessem mantê-lo no estado de consciencia perpetuamente liberal, de escapulario sanguineo, juras meigas, e livre-cambio fantasista... mas lá bem longe, na Escossia dos lagos placidos e neveiros refrigerantes.

